

O ALUNO COMO SUJEITO DE RESPOSTA

Wanderleya Magna Alves
Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa (orientador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
leyaevandro@gmail.com

Este trabalho busca refletir sobre a constituição do aluno nas salas de aula de escolas públicas brasileiras, a partir de nossas experiências no ambiente escolar, como também baseados em discussões teóricas anteriores, que apontam que, na escola, muitas vezes, o papel social do aluno é apagado, cabendo a este uma ação meramente passiva na construção do conhecimento. A reflexão se fundamenta nas ideias bakhtinianas sobre sujeito, ideologia e linguagem, bem como na visão freireana, que entende o aluno como sujeito de cultura, social, dialógico e ideológico. Entendemos que o diálogo com esses dois pensadores se faz pertinente para nós que tomamos a concepção de sujeito como elemento indispensável para se pensar as práticas docentes. Nessa visão, enxergar o aluno como ser social e não como um repositório é premissa fundamental para se pensar práticas emancipatórias e críticas no contexto escolar.

Palavras-chave: Aluno, prática docente, ideologia, linguagem, escola pública.

Introdução

O sujeito se constitui na e pela linguagem. Este pensamento, advindo da filosofia da linguagem do russo Mikhail Bakhtin, encontra convergência com ideias de um dos maiores e mais reconhecidos educadores brasileiros, Paulo Freire, além de ser compartilhado também por vários estudiosos da linguagem, e, especialmente, por debatedores do Círculo de Bakhtin preocupados com a educação. Esse pensamento tem seus pressupostos fundados na compreensão de sujeito como ser social, histórico e ideológico.

Quando se pensa o sujeito-aluno, vem a imagem de que, na maioria das escolas brasileiras, este é vítima de um discurso monovocal, em outras palavras, ele não é reconhecido, nem se reconhece como sujeito daquela prática social na qual está inserido.

Tal fato se deve a uma certa concepção de educação já denunciada por Freire (1996), em que o aluno nada mais seria do que um repositório conteudista, um reproduzidor de ideias de outrem, como se este adentrasse à escola sem nenhuma experiência a compartilhar e nela se constituísse de um modo diferente na relação que estabelece com os outros sujeitos do/no espaço escolar.

É possível encontrarmos algumas posturas contrárias a esta prática, mas ainda se escuta, em muitas “salas de professores”, o desejo do discurso uno, monovocal, o que torna essa discussão ainda urgente e necessária, uma vez que estamos diante de uma realidade multifacetada (não só escolar) e cada vez mais mascarada por discursos cuja pretensão remonta ao emudecimento de vozes que já mal se expressam.

A educação, como postulava Freire (1996), deve ser libertadora, no sentido mais abrangente que pudermos realizá-la como *educadores-educandos*, agentes sociais, vislumbrando a emancipação do sujeito-aluno para atuar ética e responsabilmente como cidadão pertencente a uma realidade social que, sendo capaz de percebê-la, tenha a mesma capacidade de transformá-la.

2 Metodologia

Esta pesquisa se insere no modo de fazer pesquisa em ciências humanas, haja vista o objeto de estudo aqui analisado se constituir da interpretação de discursos. Configura-se como uma investigação de base qualitativa e caráter interpretativista uma vez que nossa pretensão não se coaduna com propósitos do âmbito das pesquisas positivistas (LAVILLE; DIONNE, 1999), pois não busca verdades absolutas, pelo contrário, procura contribuir com o modo de interpretar fatos, acontecimentos, vivências. É apenas um enunciado singular que entrará na cadeia de outros enunciados precedentes e posteriores, como bem defende Geraldi (2016).

Considerando nossos objetivos, bem como o material usado para a realização dessa discussão, essa pesquisa se configura como de cunho bibliográfico, tendo em vista que Gil (2002, p. 44) diz ser esse tipo de pesquisa realizada “[...]com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, promover o cotejo de textos para embasar nosso ponto de vista se constituiu como principal estratégia para compreender o papel do aluno no cenário educacional atual.

Dessa forma, embasados no pensamento bakhtiniano, discutimos sobre a questão da consideração do aluno como sujeito sócio-ideológico a partir das posições axiológicas de estudiosos do Círculo de Bakhtin, principalmente, bem como a partir das ideias de Freire (2005) sobre a condição dialógica do saber.

2 Resultados e discussão

Para muitos, esta reflexão pode parecer trivial, tendo em vista as inúmeras vezes em que esta temática tem sido discutida. No entanto, compreendemos que o discurso é dependente da experiência discursiva-dialógica de seus interlocutores, que participam socialmente de um contexto, que é mutável, porque é histórico. Assim sendo, este é um novo discurso, com outros acentos valorativos e marcas de outras vivências, como os outros que o

antecedem, acabado provisoriamente, mas retomável, conforme argumenta Geraldi (2016), acerca dos projetos de dizer.

O diálogo entre Bakhtin e Freire acerca da concepção de sujeito traça um perfil sócio-ideológico, marcadamente histórico e inacabado do ser humano, o qual só tem condições de agir no e sobre o mundo na sua inter-relação com outros sujeitos organizados socialmente.

Para Bakhtin/Voloshinov (2009, p. 35), “a consciência individual é um fato socioideológico”. Isto nos permite compreender que o *outro* é condição necessária para a constituição do *eu*, em outras palavras, o sujeito não se auto forma, uma vez que a consciência para ser formada precisa, no mínimo, de duas consciências demarcadas em um espaço-tempo, porque, como dizem Moura & Miotello (2016, p. 129), retomando ideias bakhtinianas, “ao nosso nascimento biológico se sucede um nascimento social, um segundo nascimento.”.

As contribuições para esta discussão nos revelam muitos elementos a serem explorados. Estudiosos como Faraco, (2009), Geraldi (2010), Moura & Miotello (2016), Sobral (2009), Teixeira (2006), Freitas (2013), Medeiros (2006), entre tantos mais que se enveredam por esta trilha instigante, que é o desvelar do sujeito, problematizam como se dá esse processo elencando especificidades fundamentais dessa constituição, sob o prisma da perspectiva dialógica do sujeito:

- ✓ O sujeito é constituinte de relações dialógicas de diversas naturezas;
- ✓ Sua construção socioideológica se dá por vozes de autoridade e por vozes internamente persuasivas;
- ✓ O mundo interior do sujeito é, em sua essência, sociossemiótico, e por conseguinte, heterogêneo, haja vista a heterogeneidade da realidade linguístico-social;
- ✓ A consciência toma forma e existência nos signos criados por um grupo social no processo de interação de linguagens;
- ✓ É na relação de alteridade que o sujeito se constitui e constitui o outro;
- ✓ O ser humano é social, mas também é individual;
- ✓ A responsabilidade do sujeito se funda na sua participação dialógica em dados contextos sociais;
- ✓ O sujeito é um ser inacabado, está sempre a ser alcançado;
- ✓ É por meio da linguagem que o sujeito vive e sobrevive;
- ✓ Os sujeitos são seres responsivos, seus discursos são réplicas a outros discursos anteriores ou vindouros;
- ✓ É possível o acabamento momentâneo do eu e do outro através de um movimento chamado *exotopia*;

- ✓ O discurso é revelador do sujeito;
- ✓ Apenas a morte nos completa;
- ✓ A palavra alheia do outro pode se tornar palavras-próprias-minhas;
- ✓ A identidade dar lugar à alteridade.

Os tópicos elencados acima são recorrentes na literatura acerca da formação do sujeito na perspectiva bakhtiniana, e só reforçam o caráter social, ideológico, dialógico e inconcluso desta peça principal. Assim, para a constituição do sujeito, é indispensável o jogo das relações sociais, das quais somos atores partícipes, responsivos, como bem explicita Sobral (2009, p. 47): “[...] o sujeito é pensado em termos de uma interação constitutiva com a sociedade: assim como precisa da sociedade para existir como tal, o sujeito constitui, em suas relações com outros sujeitos, essa mesma sociedade”.

Essa visão bakhtiniana de conceber o sujeito estreita um diálogo com o pensamento do educador Paulo Freire, quando, por exemplo, ambos concebem a constituição do sujeito dependente de uma relação de alteridade, permitida pelo acontecimento da interação verbal, quando também ambos mostram descrença no determinismo dos seres humanos, e, por conseguinte, veem na inconclusão destes possibilidades de diálogos futuros, que podem ser comuns ou díspares, uma vez que marcamos nossos discursos em uma sociedade de classes, que, por sua vez, são construídas e constituídas ideologicamente.

Conforme leituras de Geraldi (2003/2004, p 48) “os dois autores fazem a sua aposta no futuro: as utopias de Paulo Freire; a memória de futuro de Mikhail Bakhtin. [...] estas apostas somente fazem sentido considerado o inacabamento do ser humano e a sua relação de alteridade como forma de sua própria construção”. Contudo, Freire (1996), na medida em que reforça o caráter inconcluso do homem e da mulher, bem como a necessidade do outro para a construção do eu e vice-versa, toma o contexto escolar como lugar de reflexão e ação, como espaço extensivo de luta, de transformação, quando assume a necessidade de enxergar o sujeito-aluno como ser social, histórico e capaz de transformar a realidade da qual faz parte.

Na compreensão freireana, os alunos, alunas e professores estão envolvidos em relações sociais dialógicas, uns com os outros, precisam marcar seus atos responsivos, sendo agentes sociais *conscientes* de suas responsabilidades na eventicidade de sua existência, mas para isso, é imperativo que tomem consciência de seu existir, para poder, efetivamente, fazer/ser parte da história, conforme propõe Freire (1987).

Na escola, essa tomada de consciência para a libertação, para o dizer da *palavra verdadeira*¹, de que falava Freire (1987), em sua *Pedagogia do oprimido*, não se concretiza se não por meio de um diálogo como práxis, em que os sujeitos-alunos tenham a oportunidade de refletirem sobre sua situação concreta, dela tomarem conhecimento e não se aquietarem, ao contrário, se inquietarem, problematizarem, agirem diante de um mundo que, até então, para muitos deles não havia de pertencer-lhes. Nesse sentido, tomar e expressar a palavra é já um ato-ação de modificar as próprias condições de existência e de transformar o mundo a nossa volta.

Em sua *pedagogia da autonomia*, no capítulo 2, Freire (1996, p. 27) afirma que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Pensar dessa forma exige inevitavelmente pensar no sujeito capaz de aprender, mas também de ensinar, o sujeito-aluno, um sujeito sócio-ideológico.

Negligenciar esse fato é negar a existência daquele sujeito, é tratá-lo como um disco rígido de computador, em que você apenas joga as informações e quando oportuno as consulta. Aluno não é objeto, apesar de, muitas vezes, o vemos relegado a essa condição em práticas docentes em que uma única voz ecoa, muitas vezes, desprovida de sentidos para os “objetos” que ali se encontram encarcerados, emudecidos. Parece discurso velho, mas é muito atual, infelizmente.

É evidente que, para Bakhtin e tantos outros pesquisadores e debatedores do Círculo, *o homem é um ser de resposta*, pressuposto que nos faz refletir sobre o lugar da *escuta*, ação que constrói, que modifica, que emociona, que enraivece, que dignifica ou destrói, que nos ajuda a construir nossas relações dialógicas, que é igualmente importante à responsividade porque esta é condicionada por aquela.

Moura & Miotello (2016, p. 137) exemplificam a necessidade desta ação:

Essa atitude nos tira da possibilidade da realização de um único centro de valor, que é o centro do valor do eu, para garantir a existência de dois centros de valor. O centro de valor do outro e o centro de valor do eu, em relação constituidora. [...] não há uma única palavra habitada só pelo eu. Nem o eu é um adão fundante.

Nesse sentido, as salas de aula precisam exercitar mais esse processo de escuta, em que professores e alunos, alunos e alunas possam dialogar, possam se reconhecer como sujeitos e se emanciparem, saindo de sua condição passiva de aprendiz para intervir em seu

¹ O discurso aliado à ação efetiva.

processo contínuo e inacabado de ser-evento, e, sendo disso consciente, aja responsabilmente no mundo em que vive, conforme advoga o pensamento freireano.

Conclusões

É voltando-se ao outro, numa *atitude responsiva*, que se constroem os projetos de dizer (MOURA & MIOTELLO, 2016). No empreendimento desta reflexão, e retomando o comentário de Geraldi, (2016, p.02), não escapamos da “materialidade significa em que se expressam as criações humanas, para oferecer delas uma compreensão acabada, mas retomável”.

A discussão que provisoriamente se encerra procurou problematizar uma certa visão de sujeito que ainda se instala em salas de aula de nossa realidade sócio-educacional, conforme denuncia Fernandes (2008) em suas pesquisas no âmbito do ensino de línguas.

Perceber a sala de aula como espaço de interação verbal, compreender que o aluno, sujeito social e ideológico, traz consigo saberes que podem e devem ser ampliados, transformados ou não, é premissa básica para oportunizarmos uma formação democrática e libertadora, em que o aluno se perceba e se assuma como sujeito de possibilidades, não moldado, não formado, mas em constante busca do eu em colaboração com outrem.

Um ser construído social, histórico e ideologicamente, portanto, um “ser expressivo e falante”, conforme denominou Bakhtin (2003, p. 395), e cuja completude nunca se constitui, por estar em constante diálogo com outras vozes, outros enunciados em dados contextos.

Compartilhando da ideia de que a escola é um espaço de interação verbal, é imperioso que nela se escute, se analise, se problematize todos os dizeres, de forma que estes mesmos sujeitos reflitam criticamente sobre a realidade, sobre os discursos que os cercam, que os intimidam e, muitas vezes, que os escravizam. Que consigam transformar suas realidades. Dessa forma, comungando com o pensamento de Freire (1996), seria ético e prudente a escola se voltar para este aluno como sujeito de história, de escuta e resposta, para que não caiamos na armadilha do abismo alienante.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo & Filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. – São Paulo: Hucitec, 2009.

FARACO, C. A. O Círculo de Bakhtin. In: FARACO, C. A. (org.). **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 11-89.

FERNANDES, A. **Compreensão e produção de textos em língua materna e língua estrangeira**. FERNANDES, A. PAULA, A. B. (Orgs.). Curitiba: Ibplex, 2008, p. 59-75.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo/SP: Paz e Terra, 1996, p. 6-92.

FREITAS, M. T. A. Identidade e alteridade em Bakhtin. In: PAULA, L; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 183-189.

GERALDI, J. W. **Perspectivas críticas dos estudos da linguagem do círculo de Bakhtin**. Paginação irregular. Disponível em: <<http://portos.in2web.com.br/passagens-blogdogeraldi/224-perspectivas-criticas-dos-estudos-da-linguagem-do-circulo-de-bakhtin>> Acesso em: 21 de out. de 2016.

_____. Sobre a questão do sujeito. In: _____. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 133-146.

GERALDI, J. W. Paulo Freire e Mikhail Bakhtin: O encontro que não houve. In: CORTESÃO, L. et al. **Diálogos através de Paulo Freire**. Coleção Querer Saber 1. Porto: Edição Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro de Recursos Paulo Freire da FPCE, 2003/2004, p.37-52.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. De Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, Sul Ltda.; Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.

MEDEIROS, C. M. O sujeito bakhtiniano: um ser de resposta. **Revista da faculdade do Seridó**. V1, nº 0, jan/jun., 2006, p. 02-07.

MOURA. M. I; MIOTELLO. V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA. R. A. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 129-140.

SOBRAL, A. A concepção de sujeito do círculo. In: SOBRAL, A. (org.). **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 47 – 59.

TEIXEIRA, M. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. IN: FARACO, C. A. TEZZA, C. & CASTRO, G. (Orgs.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 227-234.